

PENSANDO FORA DO CISTEMA: UMA REFLEXÃO SOBRE A LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA¹

THINKING OUT OF THE CISTEM: A REFLECTION ABOUT GENDERQUEER LANGUAGE

Héilton Lau*

RESUMO: Este trabalho traz uma reflexão sobre uma nova forma de linguagem aplicada na língua portuguesa em que não se marca exclusivamente um gênero binário, ao contrário das práticas empregadas no discurso para se referir aos sujeitos. Diante disso, os pronomes da língua portuguesa podem não representar os sujeitos que não se identificam com o binarismo de gênero que a gramática apresenta. Ao comentar sobre a linguagem, faço uso dessa marca durante a redação deste trabalho ao analisar os discursos advindos de uma conversa com pessoas não-binárias.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologias linguísticas; Língua Portuguesa; Linguagem não-binária.

ABSTRACT: This paper reflects on a new form of language applied in the Portuguese language in which a binary gender is not exclusively marked, in contrast to the practices used in the discourses to refer to the subjects. Therefore, the Portuguese pronouns may not represent the subjects who do not identify with the gender binarism that the grammar presents. When commenting on language, I make use of this mark during the writing of this work when I analyze the discourses about a conversation with non-binary people.

KEY-WORDS: Language ideologies; Portuguese language; Genderqueer language.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Ele é fruto de uma apresentação realizada no X Ciclo de Estudos da Linguagem e III Congresso Internacional de Estudos da Linguagem (CIEL), promovido pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) nos dias 29 a 31 de julho de 2019.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras, na área de Estudos Linguísticos, seguindo a linha de pesquisa Linguagens e Práticas Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), membro do grupo interinstitucional de pesquisas “Estudos do texto e do discurso: entrelaçamentos teóricos e analíticos” (UFPR-UNICENTRO) e professor visitante no ISAM e nas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba. Email: heliton.diego@hotmail.com.

SHE DONE ALREADY DONE HAD HERS

A divisão que seguirá este artigo será performativa, vindo de uma interpretação subjetiva acerca do conceito explanado por Butler (2013) e influenciado pelos discursos de RuPaul do *reality show RuPaul's Drag Race*, competição que busca eleger em cada temporada a *drag queen* que possui mais carisma, singularidade, ousadia e talento. Os discursos utilizados por RuPaul farão parte deste trabalho pela forma como o *reality show* é desenvolvido. O motivo pela escolha dessa forma de aplicabilidade será exposto ao longo da reflexão.

O título desta seção faz parte do discurso falado por RuPaul, apresentadora do programa, em que as *drag queens* se reúnem para ouvir uma pequena introdução e “pistas” do que ela irá desafiá-las durante a semana, tal como ocorre no *reality show*. Esses desafios incluem apresentações ao vivo, montagens de vários *looks* que pertençam à temática proposta pela apresentadora etc. Aqui, posiciono-me como a apresentadora para dar algumas “pistas” sobre o que virá.

A marcação de gênero (binário) tornou-se um assunto que gera polêmicas e controversias no âmbito da língua portuguesa. Seguindo a tradição de *Paris is Burning*: “*the library is open! Because, reading is what? Fundamental!*” Colocando meus óculos de “leitura”, assim como acontece no *reality show*, como uma das participantes do *reality*, pergunto-me: O que é esse sistema³ no idioma e no seu uso? É possível uma transformação? Complemento essas perguntas com a de Moita Lopes (2013a, p. 113):

Que performances identitárias estão sendo localmente construídas nas práticas situadas, por meio de indexicalizações (por meio de escolhas lexicais, gramaticais, fonológicas, entoacionais, qualidade da voz, alinhamentos, intertextos etc., ou seja, escolhas linguísticas, paralinguísticas, discursivas) que estilizam o significado no mundo social com efeitos de sentidos variados?

Como todo discurso é político em sua essência, trago para reflexão, em forma de viñetas (MASNY, 2012) o *corpus* desta pesquisa: uma conversa composta por um grupo focal a

² *Paris is Burning* é um filme-documentário que mostra a trajetória da comunidade ALGBTQI+ na década de 80, especialmente a visibilidade de *drag queens*. Como sempre foram desvalorizadas, menosprezadas, os discursos a elas proferidos se tornaram motivo de força e resistência para continuarem com a arte. Com isso, elas se apropriaram desses discursos “negativos” e “positivaram” levando para a própria comunidade com tom de piada. Na “gíria gay americana”, *read* (ou *reading*), traduzindo para a “gíria gay brasileira” seria “gongar”, o que seria em português “fazer piada”, algo cômico; o que também, *library* não significa para a comunidade gay americana “biblioteca”, mas sim, uma “sessão de gongadas”, em “bichês”, que é o espaço em que elas falam sobre isso. Dessa forma, a tradução para este enunciado é: “a sessão de gongadas está aberta. Porque gongar é...? Fundamental!”. No *reality show*, há um espaço dedicado a isso para as *drag queens* fazerem isso umas com as outras.

³ Adoto essa forma de escrita para fazer um jogo de palavras com as questões de gênero. Cisgênero é a pessoa que se identifica com seu gênero imposto ao nascimento por condição da genitália. É uma palavra antônima de/para transgênero/transsexual. Dessa forma, segundo Silva (2014), a partir da teoria *queer*, estou *queer* (homossexual, mas também “diferente”) e não *straight* (heterossexual, mas também “quadrado”). Outro chiste possível é falar que esse trabalho é *de(s)viado*.

partir de um aplicativo de conversa por meio do qual seis pessoas participantes da pesquisa, de diferentes identidades de gênero e sexuais sobre a linguagem não-binária (LAU, 2018).

Assim como RuPaul, enuncio seu discurso para o preparatório e me posiciono como uma das participantes do programa.

GENTLEMEN, START YOUR ENGINES, AND MAY THE BEST WOMAN, WIN!

Como é um discurso que inicia os desafios, as montagens de *looks* para o desafio final, preparo para quem for ler este trabalho para o que está por vir. De agora em diante, situo-me como as *drag queens* do programa.

O *maxi challenge*⁴ dessa seção é falar a respeito da Linguística Queer (LQ). Para a população brasileira, *queer* é traduzido como “estranho”, “desviante”, mas em questões identitárias como “viado”, “sapatão”; já para a Linguística Aplicada (LA) não há possibilidade de tradução, por fazer parte enquanto perspectiva teórica. *Queer* é um significante sem um referente bem definido no mundo social (BARRET, 2002). Em entrevista com Rodrigo Borba, o linguista afirma que “o *queer* da LQ não é uma identidade, mas um posicionamento teórico (e, portanto, político) que se coloca contra processos de normalização e as exclusões que os acompanham” (LAU & BORBA, 2019). Dessa forma,

[...] não se pode dizer que a linguística *queer* seja o estudo de uma categoria pré-definida e bem delimitada, como gays e lésbicas. A empreitada é muito mais pretenciosa. Quer-se, ao cravejar os estudos linguísticos com ideais *queer*, criar inteligibilidades sobre como construímos, negociamos e estruturamos nossas identidades dentro de sociedades heteronormativas que impõem determinadas maneiras de ser *aprioristicamente*”. (BORBA, 2015, p. 98-99, ênfase do autor).

A LQ é a relação dos estudos da linguagem a partir dos atos de fala (AUSTIN, 1962) com a performatividade (BUTLER, 2013). Ante essa relação, Livia e K. Hall (2010) chamaram de “volta à performatividade”. Para explicar melhor sobre isso, é necessário entender o que Austin (1962) e Butler (2013) falam.

Austin (1962) apresenta a ideia de que dizer é transmitir informação, mas é também uma forma de agir sobre o sujeito interlocutor e o mundo. No início da sua teoria, ele apresenta dois tipos de enunciados: os atos constataivos e os performativos.

Os atos constataivos descrevem ou relatam um estado de coisas e podem ser considerados como verdadeiros ou falsos. Ou seja, podem ser relatos, descrições ou afirmações. Por

⁴Desafio máximo, em tradução livre. Nesta seção, portanto, enquanto estava me e/(a)nunciando como RuPaul, proponho em (me) desafiar a falar sobre a Linguística Queer.

exemplo: quando enuncio “O sol está brilhando”, estou realizando um ato constativo e que pode ser considerado verdadeiro ou falso.

A teoria dos enunciados performativos, quando ditos, realizam ações. Por exemplo: ao perdoar alguém, o sujeito não está descrevendo ou relatando alguma coisa e, por isso não pode ser julgado como verdadeiro ou falso, porém, ao perdoar, o sujeito está *executando* o ato. Outro exemplo é a cena de batismo. Nela está o ato performativo, entretanto, uma pessoa só estará batizada se este ato for realizado por uma autoridade, por exemplo, no caso da religião católica é o padre e na igreja evangélica é o pastor. “Eu te batizo, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém!”

É nesse quadro que Butler (2013) desenvolve a noção de performatividade de gênero, que se caracteriza pela repetição de atos, gestos e signos do âmbito cultural e reforça(ria)m a construção dos corpos masculinos e femininos.

Consideremos a interpelação médica que apesar da emergência recente das ecografias, transforma uma criança, de um ser “neutro” em um “ele” ou em uma “ela”: nessa nomeação, a garota *torna-se* uma garota, ela é trazida para o domínio da linguagem e do parentesco através da interpelação do gênero. Mas esse *tornar-se garota* da garota não termina ali; pelo contrário, essa interpelação, fundante é reiterada por várias autoridades, e ao longo de vários intervalos de tempo, o estabelecimento de uma fronteira e também a inculcação repetida de uma norma (BUTLER, 2007, p. 161, ênfase da autora).

Para a filósofa, gênero é um ato intencional, mas controlado, que depende das experiências vividas pelo corpo. Sendo, então, um gesto performativo que produz significado. Os discursos, assim como o gênero, são performativos e produzem efeitos que são construídos historicamente e socialmente. (AUSTIN, 1962; BUTLER, 2013; DERRIDA, 1990).

O objetivo da performatividade de Butler (2007, 2013) não é discutir o gênero pela via linguística. Para a LQ: “Com a teoria da performatividade de gênero, afastamo-nos da construção social de sexualidade para nos direcionarmos à construção discursiva de gênero” (LIVIA & HALL, K. 2010, p. 121). Como uma forma de “preencher” essa lacuna “deixada” pela filósofa, a LQ se preocupa com teorias sobre ideologias (GALL & IRVINE, 1995).

O objetivo principal da LQ, segundo Borba (2015, p. 100), “é investigar como indivíduos considerados não-normativos negociam suas identidades dentro dos constrangimentos discursivos da heteronormatividade ao repeti-la ou desafiá-la em suas performances linguísticas”. De acordo com Bucholtz e K. Hall (2004, p. 471): “uma das características mais instigantes da linguística *queer*, de uma visão teórica, é que ela nos permite falar sobre ideologias, práticas e identidades sexuais como fenômenos inter-relacionados sem perder de vista as relações de poder”. Para citar alguns exemplos de pesquisas desenvolvidas no Brasil na perspectiva da LQ,

estão os trabalhos de Borba (2014) e Borba e Ostermann (2008) sobre a construção discursiva da identidades de travestis; Borba e Lopes (2018) sobre a “ímundície verbal”, que trata da questão do uso do “x” para não marcar especificamente um gênero binário na língua portuguesa, um pouco similar com o que venho discutindo (LAU, 2018; 2019; LAU & SANCHES, 2019); Cadilhe, Felipe e Moreira (2019) acerca das relações de gênero e sexualidade sobre produção de masculinidades em práticas de saúde, para citar alguns.

Em síntese, a LQ se preocupa com “o estudo crítico da heteronormatividade a partir de um ponto de vista linguístico” (MOTSCHENBACHER, 2011, p. 150), ou seja, observando as relações de poder no discurso que o sujeito utiliza.

Queerificar os estudos linguísticos significa produzir uma visão mais nuançada e multifacetada de como *queers* [...] utilizam a linguagem para construir-se dentro das limitações heteronormativas dos discursos que impõem posições de sujeito naturalizadas. Essa *queerificação* pode ter efeitos decisivos no escopo do campo dos estudos linguísticos que têm por muito tempo reduzido seus sujeitos de pesquisa a indivíduos brancos, de classe média, heterossexuais e ocidentais como se todos/as (sic) falantes assim o fossem e como se a linguagem utilizada por esses indivíduos fosse a única que merecesse ser investigada. [...] Além disso, outra contribuição relevante que a linguística *queer* traz é a desenssencialização e desontologização da relação entre linguagem e identidades sociais. A linguagem deve ser considerada como um ato de identidade. Ou seja, quando falamos A, B ou C por que somos X, Y, Z; mas *nos constituímos* como X, Y ou Z ao falar A, B ou C. A *queerificação* da linguística é *par excellence* uma ação epistemológica pós-estruturalista que desconstrói visões monolíticas das ligações entre identidade e uso de língua se mostrando como uma bela esperança para aqueles/as (sic) que (ainda) estão à margem da sociedade e da academia (BORBA, 2015, p. 102, ênfase do autor).

CATEGORY IS...

Adentro na passarela para o desfile, já costurado com o que Borba (2015) e Butler (2007, 2013) propõem. As *drag queens* montam seus *looks* para o desfile com base em um tema proposto por RuPaul; da mesma forma, elenco tema(s) para aprimorar meu *look* teórico. Para o desfile, RuPaul pede para as *drag queens*, *looks* (teóricos) sobre a linguagem não-binária e ideologias linguísticas.

LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA

A finalidade da linguagem não-binária é “trazer uma reflexão acerca do binarismo presente na LP [língua portuguesa] e a dificuldade de pessoas que não se identificam com o binário de gênero (homem x mulher) nas formas escrita e falada” (LAU, 2018, p. 13). Uma das línguas oficiais do Brasil – a língua portuguesa – não possui um “gênero neutro”, pois nela se nota essa “caixinha binária”, porque é falado o copo, a televisão, por exemplo. Ou seja, é marcado o gênero masculino e o feminino em tudo. Não faz exceção quando se refere às pessoas. A língua portuguesa diferencia *tudo* em masculino e feminino. Por outro lado, se houvesse esse “gênero neutro” na língua portuguesa, as pessoas que não se identificam com os pronomes binários se identificariam com o “neutro” ou se sentiriam diminuídas pelo teor da terminologia? (LAU & SANCHES, 2019).

Em língua inglesa, o avanço da linguagem não-binária é maior, havendo, inclusive, um pronome de tratamento: o pronome “Mx.” (pronuncia-se “mux”), que é o não-binário de “Mr.” (senhor) e “Mrs.” (senhora), sem uma tradução oficial para a língua portuguesa.

Mx (noun): A title used before a person's surname or full name by those who wish to avoid specifying their gender or by those who prefer not to identify themselves as male or female: 'the bank is planning to introduce the honorific 'Mx' as an alternative for anyone who feels that they don't, for reasons of undetermined gender, fit into being either a Mr, Mrs, Miss or a Ms'. (OXFORD online).

A língua inglesa, em sua própria estrutura, não marca especificamente um gênero binário em todas as palavras, apesar das desigualdades se materializarem de várias outras formas, como remuneração diferenciada pelo gênero, por exemplo. A palavra *teacher*, a saber, para falantes da língua portuguesa deverá ser traduzida de duas formas: professora e/ou professor. Há casos em que a palavra muda conforme o gênero, ainda numa perspectiva binária, como *actor/actress*, por exemplo. O pronome “they” já é utilizado na forma singular, também já dicionarizado, como um pronome não-binário, já que somente se traduzir para a língua portuguesa há apenas duas possibilidades oficializadas: “elas/eles”.

They (pronoun): 1 [third person plural] Used to refer to two or more people or things previously mentioned or easily identified. 'the two men could get life sentences if they are convicted'. 1.1 People in general. 'the rest, as they say, is history'. 1.2 Informal: People in authority regarded collectively. 'they cut mi water off'. 2 [singular third person plural] Used to refer to person of unspecified gender. 'ask a friend if they could help'. (OXFORD online).

Considerando o dicionário como instrumento que dá legitimidade para a língua(gem) enquanto sistema é necessário problematizar o ensino de língua inglesa pensando na realidade brasileira, especialmente na formação de professorias em que haja essa problematização/

reflexão da língua inglesa como “neutra” e, assim traçar possíveis rupturas no binarismo da língua portuguesa. Ainda sobre essa questão do dicionário que legitima, e essa legitimação possui vários recortes, como validação hegemônica, me posiciono com a questão da legitimação a partir do uso, sendo a dicionarização consequência da língua que é viva.

Moita Lopes (2013b) utiliza o sinal arroba (@) como um gesto político para marcar uma possível “equidade de gênero” na linguagem, não focando somente no masculino, nem no feminino, mas mostrando algo que seja válido para esses dois gêneros.

Do ponto de vista dos falantes e escritores (sic), as variações ideológicas da linguagem são importantes porque acabam influenciando as mudanças linguísticas. As ideologias linguísticas de variação de gênero, por exemplo, têm cada vez mais forçado em círculos feministas (e para além dele) o uso de escolhas lexicais no português como “o ser humano” ou “as pessoas”, em contextos nos quais no passado se usaria “o homem” para se referir à espécie humana. Da mesma forma, muitas feministas têm preferido o uso de “el@” para evitar o uso de “ele(a)” ou o mais comum “ele” para se referir ao ser humano. (MOITA LOPES, 2013b, p. 20).

Este sinal pode ser utilizado e ter sua validade, porém é inviável para a pronúncia. A Língua Brasileira de Sinais (Libras), amparada pelo Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, “em que possui gramática e estrutura própria e seu sistema linguístico de natureza visual-motora” (BRASIL, 2002), utiliza este sinal gráfico na tradução para o alfabeto romano. Friso que Libras é *língua* e não *linguagem*, possui estrutura e gramática próprias, o que difere do “português sinalizado”, ou seja, não se utiliza a estrutura gramatical da língua portuguesa. (LAU, 2015, 2018).

A Libras possui forma de escrita própria chamada *Sign Writing* (SW), contudo, ainda não é muito utilizada em espaços acadêmicos; diferente da Escrita de Língua de Sinais – Elis – (BARROS, 2015)⁵. Outra forma recorrente para transcrever a Libras em alfabeto romano é a glosa (sistema de anotação), que utiliza palavras da língua portuguesa em maiúsculas para se “aproximar” da Libras (STREIECHEN, 2013), quando há a marcação de gênero na palavra, utiliza-se @ (arroba). Por exemplo: “(EU) SURD@”. Na forma de glosas não dá para saber exatamente qual gênero é para se ler essa palavra. Se for escrita em SW, fica dessa forma:

Figura 1 – Representação do sinal ‘SURD@’ em SW



Fonte: Lau (2018)

⁵ Sobre esse assunto, além de Barros (2015), ver também o trabalho de Freitas, Figueiredo e Costa (2019).

Tanto na forma de glosas como em SW não dá para saber explicitamente qual gênero (binário) a palavra SURD@ está marcando. Para esta palavra se tornar SURDO, é preciso a marcação de gênero masculino, assim como para SURDA. “Na Libras, a indicação de gênero é marcada sempre pelo sinal de ‘HOMEM’ ou ‘MULHER’ *antecedido do sujeito*” (STREIECHEN, 2013, p. 73, ênfase minha).

Figura 2 – Representação do sinal ‘HOMEM’ em SW



Fonte: Lau (2018)

Figura 3 – Representação do sinal ‘MULHER’ em SW



Fonte: Lau (2018)

Aqui já está uma importante diferença do sistema linguístico da Libras e da língua portuguesa: só é possível saber o gênero binário da palavra se ele for marcado antes; sem isso, a palavra se mantém “neutra”; diferente da língua portuguesa que na forma escrita/falada é marcada ao final da palavra de forma feminina ou masculina, sendo que a forma masculina tem um prestígio social maior e é utilizada como “genérico”⁶ nos discursos.

Da mesma maneira, a partir do estudo de feministas americanas que consideram o genérico *he* uma forma sexista de se referir aos sujeitos (BENSON et al., 2013; BODINE, 1975; LESAVOY, 2006; SILVERSTAIN, 1985), o pronome “they” foi dicionarizado como a forma singular do pronome não-binário em questão de gênero, uma fuga às normas binárias legitimadas na língua, como já comentado.

Apesar do sinal gráfico proposto (MOITA LOPES, 2013b), dentro das práticas linguísticas e sociais de falantes que se identificam como não binárias, nota-se o crescente uso de uma marcação de gênero que foge à norma culta em diversas classes gramaticais, como a vogal temática “e”⁷ de adjetivos e substantivos – “alune”, “bonite”, “amigue”, por exemplo – empregada na maioria dos termos; e pronomes possessivos que se tornam: “minhe(s)”, “sue(s); também palavras no plural consideradas masculinas, como “professores”, que podem ser escritas/lidas/faladas como “professories” e/ou “professoris” (LAU, 2018).

⁶ Sobre esse assunto, ver Caldas-Coulthard (2007) que busca ir na contramão.

⁷ O motivo é que a vogal temática “o” tem uma contraposição com a vogal de desinência de gênero “a” nas palavras. Uso a vogal temática “e” neste trabalho como um marcador não-binário, haja vista a utilização por próprias pessoas não-binárias em seu uso social. Contrapõe-se também há outros formatos utilizados em que não é possível a oralização, quando usado “x” e “@”, por exemplo.

Trazendo esse contraste, é possível perceber a importância da marcação de um gênero que fuja da norma para visibilidade de pessoas trans não-binárias, por isso o pronome “elu”:

[...] por um ato político, para mostrar que o pronome considerado “neutro” em nossa sociedade exclui as pessoas não-binárias, já que elus não se veem como homens nem como mulheres, portanto, não faz sentido para estus a utilização do “neutro ‘eles’”, assim como o feminismo trata esta questão (LAU, 2018, p. 14).

Considerar esses usos e olhar criticamente para a língua portuguesa, de acordo com as manifestações de seus falantes, é desenvolver certa sensibilidade a fim de validar práticas sociais e discursivas de sujeitos que não se encaixam no binarismo estabelecido como padrão de língua e gênero.

IDEOLOGIAS LINGÜÍSTICAS

A perspectiva epistemológica pós-estruturalista nos últimos trinta anos traz uma nova ótica sobre como se constituem as identidades dos indivíduos e seus usos linguísticos (BLOCK, 2007). Essa nova maneira de construção de sentido, que leva em conta o social dos sujeitos, vem na contramão da ideologia essencialista que por muito tempo sustentou uma figura humana de trajetória fixa, de uma essência que não poderia ser alterada. Por esse viés, considera-se que a identidade se reconfigura constantemente a partir das relações sociais que o sujeito mantém nos contextos nos quais está inserido (BLOCK, 2007; HALL, S. 2006).

De acordo com Stuart Hall (2006), essa nova concepção sobre identidades é promovida por mudanças na estrutura das sociedades modernas, que ocorrem desde o final do século XX e estão alterando paisagens culturais dos indivíduos, como noções de gênero, classe, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade e língua. Por conta de constantes movimentos geográficos e culturais que levam o indivíduo a manter os variados vínculos sociais, tais noções, antes dadas como sólidas, deixam de ser fixas e são atravessadas por outros pontos de referências com os quais o sujeito se depara.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, é medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada qual poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, S. 2006, p. 13).

Diante dessa realidade, o constante trânsito social dos indivíduos redefine suas percepções também como falantes, haja vista que usos linguísticos são a própria expressão de suas identidades, que estão continuamente se ressignificando. (RAJAGOPALAN, 2003). Sendo

assim, pensar em língua por um viés social implica refletir sobre os usos linguísticos dos sujeitos, o que me leva a ponderar sobre quais e como ideologias norteiam tais usos, seus valores e crenças.

Se “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2011, p. 261), nota-se que dar luz às reflexões sobre língua e seus usos é, sobretudo, trazer à tona crenças que regem ações dos sujeitos, de grupos sociais – como a intenção de se posicionar e posicionar o Outro sujeito durante a fala. Se é levada para fatores históricos e culturais que regem os usos de língua, considerando que esses estão sempre atados a outras ideologias que compõem o sujeito como ser histórico e culturalmente constituído.

Dado que indivíduos constantemente transitam por diferentes grupos que estão envolvidos nas reconfigurações de suas identidades, as práticas linguísticas dos falantes também estão em movimento. O trânsito entre práticas linguísticas se fundamenta na concepção de Bakhtin e Volochinov (1988), que acreditam que a língua está sempre a serviço do sujeito locutor, não é uma ferramenta e nem é exterior ao indivíduo, mas a enunciação ocorre de acordo com a situação social estabelecida. Isso posto, é pensado que a reconfiguração das crenças sobre língua dos falantes se ressignificam de acordo com as comunidades (BAUMAN, 2003, 2005) nas quais se engajam.

Entendo as crenças sobre língua como ideologias linguísticas. Segundo Woolard (1998), são o link mediador entre as formas sociais e formas de fala. Da mesma maneira, Spolsky (2004) afirma que são valores atribuídos aos usos linguísticos, partilhados pelos membros das comunidades de fala, que derivam e, simultaneamente, influenciam as formas linguísticas dos sujeitos.

Kroskrity (2004) descreve ideologias linguísticas como crenças e sentimentos sobre línguas empregadas no mundo social, porém o autor afirma que não há uma única definição para a concepção já que esse é conceito plural. Dessa forma, ele propõe cinco dimensões para considerá-las tanto como crença sobre língua quanto conceito para auxiliar os estudos de crenças.

Como a variação social e linguística fornece algumas das forças dinâmicas que influenciam a mudança, é mais útil ter um dispositivo analítico que capte a diversidade em vez de enfatizar uma cultura estática e uniformemente compartilhada. Usadas em oposições à cultura, as ideologias linguísticas fornecem uma alternativa para explorar a variação de ideias e práticas comunicativas. (KROSKRITY, 2004, p. 496).

A primeira das cinco dimensões, *Interesses individuais*, diz respeito à noção do sujeito, membro de uma comunidade de fala, do que é certo e legítimo na língua. A segunda, *Multiplicidade de ideologias*, ressalta a pluralidade de Ideologias Linguísticas que compõem os repertórios dos falantes de acordo com os grupos sociais nos quais se engaja. A *Consciência dos falantes*, terceira modalidade, refere-se ao grau de consciência do poder entre ideologias

e usos linguísticos envolvidos em práticas sociais. A quarta dimensão, *Mediação entre estruturas sociais e formas de fala*, relaciona as experiências sociais e ideologias culturais do sujeito à construção de usos linguísticos e discursivos. A última das dimensões citadas pelo autor, *O papel de Ideologias Linguísticas na construção identitária*, diz respeito à forma como Ideologias Linguísticas são usadas na criação e representação de grupos sociais e identidades culturais, até mesmo essencializando o sujeito a partir desse agrupamento.

Olhar para indivíduos que estão em constante trânsito por diferentes grupos sociais a partir das cinco dimensões propostas por Kroskrity (2004) me leva a perceber as Ideologias Linguísticas como múltiplas e entrelaçadas, da mesma forma que são numerosas e interconectadas às comunidades de fala das quais participam os sujeitos.

Na maioria dos estados, existem muitas ideologias, assim como há várias comunidades de fala ou étnicas; uma é comumente dominante. Simplificando, a ideologia linguística é política linguística com le gerente deixade de fora, o que as pessoas pensam que deve ser feito. As práticas linguísticas, por outro lado, são as que as pessoas realmente fazem (SPOLSKY, 2004, p. 14).

Dessa forma, acredito que ideologias linguísticas são flexíveis como são os sujeitos adaptáveis ao meio, com a intenção de posicionar le falante e sues interlocutores de acordo com os mais diversos contextos linguísticos pelos quais transitam. Entretanto, a negociação por meio de língua não é necessariamente harmoniosa, pois a flexibilidade de uso baseia-se em ideologias linguísticas e as relações de poder entre les falantes existentes nos mais diversos contextos sociais.

Sendo assim, entendo que usos linguísticos são de fato motivados por ideologias e, de certa forma, transformados pelas mesmas. Isso mostra que compreender usos de língua vai além de olhar para o sistema, mas um modo de ler les falantes diante das interações e jogos de poder que orientam seus usos de língua e relações sociais, pois, “ao explorar ideologias linguísticas de diferenciação linguística, estamos preocupades não apenas com a estrutura das ideologias, mas também, e especialmente com suas consequências” (IRVINE & GAL, 2000, p. 36).

CLOCK THE HAIR, CLOCK THE MUG, CLOCK THE NAILS, CLOCK MY SKIRT. CLOCK THE BAG, CLOCK THE SHOES. NOW PUNCH THE CLOCK, IT'S TIME TO WERK!⁸

Esse não é um discurso falado por RuPaul, mas por Shangela, uma participante do *reality show* que fez uma música⁹ com esse discurso. Trago-a para este trabalho, pois representa como é a montagem das *drag queens*, ou seja, aqui mostro como recortei a geração de dados para as análises.

Seguindo a abordagem metodológica de Masny (2012), apresento a geração de dados por vinhetas (V). Os dados gerados foram compostos por um grupo criado por mim para a realização dessa pesquisa a partir da utilização de um aplicativo de conversa por meio do qual as seis pessoas participantes de diferentes identidades de gênero dentro do espectro não-binário, responderam às perguntas semiestruturadas.

THE TIME'S CAME, FOR YOU TO LIP SYNC FOR YOUR LIFE! GOOD LUCK, AND DON'T FUCK IT UP!

Montado com meus *looks* teóricos, passo agora para o *lip sync* que, no *reality show*, propõe uma música para as *drag queens* dublarem. Como *drag queen* da LA (e da LQ), assumo o papel de RuPaul em dar o desafio de “dublar” as vinhetas da geração de dados. Posiciono-me aqui como uma *drag queen*.

Como já comentado no início desta seção, a “dublagem” é com base nas falas dos participantes desta pesquisa, analiso as ideologias linguísticas dos sujeitos sob a ótica da LQ. Observo os usos linguísticos e negociações em que les falantes se inserem e estarão relacionadas às suas ideologias linguísticas. Para fins éticos, os nomes das pessoas entrevistadas são fictícios.

Apresento um quadro com o nome, o gênero com que cada participante se identifica e o pronome que representa cada uma:

Quadro 1 – Participantes

Nome	Gênero	Pronome
Abbes	Gênero fluido	Ed/eld/e ou éli/e
Bonnie	Não informado explicitamente	Elu
Cecil	Gênero fluido	Ele/elu
Ezra	Pangênero	Elu
Felix	Gênero fluido	Elu
Hayden	Não-binária/genderqueer	Eld/éli ou elx

Fonte: o autor.

⁸ Na gíria gay americana, *clock*, traduzindo para a gíria gay brasileira ou pajubá/bajubá ou “bichês” seria “aquendar”, o que significa em português “prestar atenção”. Da mesma forma o *werk*, que é uma forma “alternativa” de *work*, que em bichês seria “arrasar”. Sobre este assunto, ver Lau (2015, 2017) e Martins & Silva (2019).

⁹ Disponível em: <<https://youtu.be/hArTHxRpKmM>>.

Durante a conversa, algumas definiram o entendimento em relação à identificação do seu gênero, trazendo outras nomenclaturas que serão discutidas no decorrer da análise; outras apenas mencionaram. Por conta disso, trago uma breve explicação do meu entendimento (LAU, 2018) acerca dos gêneros mencionados pelos participantes.

Gênero fluído é a mudança de um gênero a outro. Vivencia fluidez de gênero. Sua identidade flui de um gênero para o outro, podendo ser dois ou mais gêneros. A fluidez pode ocorrer de um dia para outro, de uma situação para outra etc. Cada pessoa gênero fluído (genderfluid) apresenta sua própria fluidez¹⁰.

Não-binária é o termo traduzido de *genderqueer*. Um gênero que não é abarcado pelas definições binárias de gênero. É uma identidade de gênero marcada pelo desafio aos estereótipos. É também um termo guarda-chuva que pode significar: sinônimo para identidades de gêneros não-binárias; identidade política marcada pelo desafio às normas de gênero.

Pangênero significa “todos os gêneros”. Enorme multiplicidade de gêneros, podem (ou não) tender a infinitos gêneros, incluindo gêneros ainda não reconhecidos. Esses gêneros podem se apresentar um de cada vez ou simultaneamente.

Aproveitando a discussão sobre a apresentação e entendimento dos gêneros dos participantes, trago uma vinheta sobre a discussão do entendimento de gênero fluído, por decorrência da pergunta de Bonnie:

V1

Bonnie: Você se sente meio pressionada a “escolher” um gênero? Eu me sinto muito. As vezes penso que seria bem mais fácil me assumir como homem trans, mas não é o que eu sou.

Felix: Muitas vezes sim, mas já tentei escolher e não dá, eu não me sinto bem escolhendo um... e tipo, eu sou gênero fluído, mas fluo meio que de demiboy até demigirl, mas na real, na maior parte do tempo eu fico estacionada em agênero.

Bonnie: Não sei muito a diferença entre todos esses termos. Gênero fluído, agênero, não-binária, gênero neutro, queer. Alguém poderia me explicar? E demiboy e demigirl também.

Abbes: Eu sei explicar o meu, sou gênero fluído. Como Felix tava dizendo, as pessoas gênero fluído fluem entre gêneros. No meu caso fluo entre homem trans, demiboy, neutro e uma identidade tipo mulher masculina (mas não gosto de ser classificado como mulher).

Bonnie: Que seria demiboy? Eu acho que eu seria assim também.

¹⁰Um exemplo literário que discute isso é o livro *Todos, nenhum: simplesmente humano*, de Jeff Garvin.

Abbes: É tipo um garoto. Mas não que a pessoa seja criança ou imatura, é só em relação ao gênero. É tipo uma masculinidade mais suave. Se alguém entende diferente, por favor, me corrija.

Bonnie: Saquei. Eu acho que eu seria assim também, como você. Tipo eu não tenho vontade de ter barba e gosto de ter meu rosto mais delicado, mas queria muito tirar meus seios porque me incomodam muito e incomoda as pessoas olharem pra eles e acharem que eu sou mulher só por causa deles.

Da mesma forma que acontece uma inovação gramatical, pela conversa entre les participantes sobre a sua própria identificação, é possível entender uma inovação de gênero, fugindo da masculinidade e da feminilidade, no sentido binário que a sociedade a concebe. A luta pelo reconhecimento e visibilidade em um pronome também perpassa a nomeação por novas identidades de gênero.

Bonnie não deixa claro com que gênero realmente se identifica e justifica utilizando um “léxico de gênero” que conhece (homem trans) para iniciar a discussão. A partir disso, Felix explica o seu entendimento com relação à sua identificação e entendimento de gênero fluído agregando mais três gêneros não-binários no seu discurso: *demiboy*, *demigirl* e agênero. Sobre eles, *demiboy* significa “meio-garoto”. Possui uma identidade de gênero parcialmente masculina e parcialmente alguma outra identidade de gênero não-binária. Também chamado de “demigaroto”. *Demigirl*, significa “meio-garota”. Possui uma identidade de gênero parcialmente feminina e parcialmente alguma outra identidade de gênero não-binária. Também chamade de “demigarota”. Já agênero significa “sem gênero”. Ausência de gênero, sentir que o conceito de gênero não se aplica. Pode também não se sentir enquadrade em nenhum gênero ou ignorar o conceito de gênero (LAU, 2018).

Ou seja, para Felix, a sua identificação a “um” gênero pode ser (im)possibilitada devido ao seu entendimento sobre os gêneros não-binários como elu mesmo cita: gênero fluído, *demiboy*, *demigirl* e estar estacionade em agênero. Gênero fluído para sua identificação estaria atrelado ao *demiboy* e *demigirl*. Vai de acordo com a definição “geral”, mas apresenta mais dois gêneros não-binários.

Sobre a curiosidade de Bonnie a respeito da identidade *demiboy*, Abbes explica com as terminologias utilizadas as quais a sociedade dispõe em termos binários: “é tipo um garoto”, “é tipo uma masculinidade mais suave”. A performatividade de gênero (BUTLER, 2007, 2013) se apresenta aqui, como a sociedade de maneira geral concebe o que é um garoto e o que é masculinidade, mas para a comunidade não-binária, em especial para Abbes, é regida entre suavidade e brutalidade, ou seja, não se identifica com a masculinidade que a sociedade considera.

Após a explicação de Abbes, Bonnie apreende uma definição de *demiboy* ligado a características físicas, como barba. Interessante notar a aparência física com relação à identidade de gênero não-binária, entendendo em seu relato que Abbes possui uma característica física

com que elu não liga com o gênero cis-normativo, isto é, seios = mulher. “[...] uma pessoa que tem seios, geralmente será vista/lida pela sociedade como *mulher*, porque ninguém parou para pensar que uma pessoa que tem seios é *apenas* uma mulher que tem seios, como a sociedade dispõe de mulheres que não possuem uma vagina, e sim um pênis” (LAU, 2018, p. 21, ênfase do autor).

No fim da conversa, Bonnie apresenta uma certa identificação com o gênero *demiboy*, mas novamente atribuindo características físicas com relação à identidade de gênero: “não tenho vontade de ter barba e gosto de ter meu rosto mais delicado, mas queria muito tirar meus seios porque me incomodam e incomoda as pessoas olharem pra eles e acharem que eu sou mulher só por causa deles”. A construção do entendimento de homem e de mulher, de maneira geral, se dá em cada época sócio-histórica. Nos termos de Butler (2013), gênero é construção social.

Agora, a sociedade pós-moderna começa a observar pessoas não-binárias sendo youtubers, como Brianna Nasck¹¹, Cup¹², por exemplo, para citar algumas. Um exemplo americano é Chella Man¹³, também youtuber, não binária e surde que irá participar da segunda temporada de Titãs do Universo DC. A partir dessa visibilidade não-binária nas mídias é possível entender um pouco mais sobre a não binaridade de gênero, apesar de que o discurso sobre o corpo estar atrelado a um gênero específico ainda perpassa a sociedade, inclusive no discurso de Bonnie. O ato de fala performativo médico que Butler (2007, 2013) traz e Anna Livia e Kira Hall (2010) reiteram para os estudos linguísticos ainda recobre a sociedade, pois quando se olha para uma pessoa é necessário inconscientemente, “classificar” aquela pessoa em um “ele” ou em uma “ela”. Sobre essa reflexão, aparece na fala de Cecil:

V2

Cecil: Na verdade, para mim, o mundo perfeito seria o menos possível dividido em gênero, porque isso me dá muitas crises e tal.

Essa divisão da sociedade se instaurou por muito tempo e ainda temos estas “cicatrizes”, vindo do patriarcado e do machismo que dividiram e segregaram o que é “de homem” e o que é “de mulher”. Em contrapartida, o movimento feminista vem lutando contra isso buscando a igualdade entre os gêneros, em que a comunidade não-binária pode fazer parte.

No que tange à questão da linguagem não-binária, perguntei o que significa para cada uma e elus me responderam:

¹¹ Acessar em <https://www.youtube.com/channel/UCqu3u6ODlieZqorCOzwN7XQ>.

¹² Acessar em https://www.youtube.com/channel/UC47GUMot46jgJLHokv_zMA.

¹³ Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCa1vUXV2WMMRobPo-ZfEeRhg>

V3

Ezra: Pra mim é o único jeito que eu me sinto confortável das pessoas me chamarem. Já tentei usar o pronome masculino, mas não sinto que sou eu. E o feminino, que é como normalmente me chamam por causa do meu sexo biológico, chega até me ofender.

Hayden: Eu acho o seguinte, a linguagem neutra é uma linguagem necessária por questão de respeito e conforto pras pessoas não-binárias, mas eu acho que a gente, o que a gente tem hoje são alguns termos neutros na língua portuguesa, mas a gente tem um problema sério que não têm pronomes neutros na língua portuguesa, né? [...] A norma vigente que teria que abranger, ela teria que ser muito mais inclusiva, hoje ela é muito binarista. Só que na prática, mesmo a gente tendo hoje alguns termos neutros, né, como: gente, pessoal, galera, e vários outros que vão surgindo, as pessoas, em geral, elas têm uma dificuldade de usar os termos neutros, sabe? [...] Só que assim, mesmo as pessoas tendo algum acesso e tal, né, parece que há uma resistência muito grande, entende? Porque não existe costume da utilização, né? Então, há uma resistência muito grande e daí as pessoas acham que a gente tá inventando moda, entendeu, sabe? Ah, isso não é da norma ortográfica, né, por exemplo usar a palavra amigue. Não, só existe amiga e amigo. Amigue não é da norma ortográfica, então, tipo, é bobagem, entende? É frescura. Então é uma questão de costume, uma resistência por causa dos costumes muito grande com a questão da linguagem.

Ezra acha extremamente necessário a utilização da linguagem não-binária (linguagem neutra nos seus termos) por conta do entendimento que os pronomes binários carregam: o masculino não representa ele e o feminino chega a ser ofensivo. Para se sentir representado, a linguagem não-binária se faz importante para ele não se sentir ofendido.

Hayden traz o conhecimento da língua portuguesa vigente em que o idioma possui termos neutros, ou seja, palavras que não marcam especificamente um gênero binário como “pessoa”, por exemplo, apesar de ser categorizado como palavra feminina, mas em seu uso ela é neutra, abarca todos os gêneros e, de certa forma, pode-se considerar que esta e as demais palavras mencionadas por Hayden não são binaristas.

A partir do seu relato, ele retrata a falta de utilização de termos neutros que a língua portuguesa já dispõe por ausência de utilização, o que fica a inquietação a se perguntar sobre a utilização de termos menos binaristas e mais neutros. Um ponto interessante para iniciar a reflexão é o questionamento do masculino genérico, pois é mais prático (e fácil) enunciar “todos”, “eles” sem deixar determinada sentença muito grande.

Bodine (1975) fala sobre o masculino genérico pelo fato das gramáticas prescritivas entre os séculos XVII e XVIII terem sido elaboradas por homens e tal gênero foi imposto como

“sinônimo” de humanidade. A partir da sua crítica/reflexão, as investigações neste campo ficaram conhecidas como Linguística Feminista (ABBOU, 2011; ABBOU & BAIDER, 2016; CAMERON, 1992, para citar algumas). Isso pode ser um passo inquietante para o sistema que a linguagem não-binária pode permear, pois “assim como o gênero social é marcado por relações de poder, o gênero gramatical é permeado por assimetrias que extrapolam o linguístico e alcançam o social e vice-versa”. (BORBA & LOPES, 2018, p. 258).

A respeito da invenção de palavras, pode-se fazer uma conexão pelo desconhecimento dessas novas identidades de gênero e que esses sujeitos lutam por representatividade na língua, bem como pela sua identidade, o que, na fala de Hayden, essa percepção de “invenção de palavras” de forma pejorativa, pode ser interpretada como “imundice verbal” (BORBA & LOPES, 2018) e que o conceito de higiene verbal possa ajudar a compreender melhor. A higiene verbal é:

[...] um conjunto heterogêneo de discursos e práticas através das quais as pessoas tentam “limpar” a língua e fazer com que sua estrutura ou seus usos se conformem aos seus ideais de beleza, verdade, eficiência, lógica, correção e civilidade. [Esse conjunto] não é um empreendimento fútil motivado pelo fracasso em perceber como a língua funciona. Ao invés disso, a higiene verbal é um *produto* da forma que a língua funciona: é o resultado da nossa capacidade reflexiva e metalinguística que confere à comunicação seu caráter flexível e nuançado (CAMERON, 2012, p. vii, ênfase da autora).

Negar a inclusão, como aconteceu na V3, mostram exemplos de discursos higienistas na linguagem que deixam o discurso sistemático (literalmente), no qual o entendimento de cisgênero, primeiramente, levar a pensar no homem. A reflexão de Bodine (1975) e da Linguística Feminista se faz necessário para observar essa performance linguística de humanidade estar ligado a “homem”, não por conta do seu léxico, mas sim pelo seu uso social.

No relato de Hayden também aparece a crítica do “costume” da utilização do masculino genérico. Entendo isso, fazendo um paralelismo com relação às performances de gênero (BUTLER, 2007, 2013), pois, da mesma forma que se aprende que uma menina deve brincar de boneca, que um menino deve jogar bola, vestir determinados tipos de roupas, com determinadas cores (azul x rosa), os papéis de gênero, do social ressoam no linguístico. Se houver vinte mulheres e um homem em uma sala de aula e le profissional da educação enunciar: “bom dia a todas”, por se tratar de um número maior de mulheres, o sujeito masculino pode se sentir excluído por compreender que é por meio do masculino que se faz a inclusão.

ALL RIGHT, JUST BETWEEN US RUPAUL IN PERSONATERS. WHAT DO WE THINK?

É o discurso em que a apresentadora usa quando as *drag queens* saem da passarela e ela se reúne como júri para falar da *performance*. Nesta seção, assumo a posição do júri para comentar sobre minhas “dublagens” feitas anteriormente.

A partir desta minha “dublagem” foi possível notar que a conversa com pessoas não-binárias, trazendo à baila suas ideologias linguísticas de como se sentirem representadas, faz uma crítica à higiene verbal (CAMERON, 2012), uma busca por reconhecimento além dos pronomes. Mostra a necessidade de *transformação* no *cistema*, pois no discurso acadêmico referencia-se sempre com o sobrenome do autore ou até mesmo o nome completo é uma forma positiva, mas, por outro lado, isso empobrece o texto e a busca por pronomes e palavras alternativas para marcar a não-binaridade de gênero se faz importante.

Ainda trabalhando com os discursos de RuPaul, após a conversa com o júri, ela fala: *Silence, I've made my decision! Bring back my girls*. Nessa parte do *reality*, RuPaul faz críticas positivas e negativas às *queens*, sendo que ao final uma delas é eliminada e a outra permanece na competição. Para a *queen* que permanece na competição, ela enuncia: *Shantay, you stay!*; e para a eliminada: *Sashay, away!*. Nesse ínterim, feita a utilização dos discursos do *reality*, espero que aqueles que lerem esse trabalho, ajam como RuPaul e enunciem *Shantay, you stay!* e/ou *Sashay, away!* para minha reflexão feita aqui.

RUFERENCIAS¹⁴

ABBOU, J.; BAIDER, F. H. Periphery, gender and language: an introduction. In: ABBOU, J.; BAIDER, F. H. (orgs.). **Gender, language and the periphery**: grammatical and social gender from the margins. Amsterdam: John Benjamins, 2016, p. 1-24.

ABBOU, J. Double gender marking in French: a linguistic practice of antisexism. **Language Planning**, v. 12, n. 1, p. 55-75, 2011.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. 2 ed. Oxford: University Press, 1962.

BAKHTIN, M, VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARRETT, R. Is queer theory important for sociolinguistic theory? In: CAMPBELL-KIBLER, K. et al (orgs.). **Language and Sexuality**: contesting meaning in theory and practice. Stanford, CSLI Press, 2002, p. 25-43.

¹⁴ Como todo o trabalho foi escrito com base nos discursos de RuPaul, faço um trocadilho nesta parte utilizado o nome da *drag queen*.

BARROS, M. E. **ELiS**: sistema brasileiro de escrito das línguas de sinais. Porto Alegre: Penso, 2015.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Bendetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENSON, E. J.; et al. Developiong a nonsexist/nongendered language policy at the University of Wisconsin-Eau Claire. **Feminist Teacher**, v. 23, n. 3, p. 230-247, 2013.

BLOCK, D. **Second language identities**. London: Continuum, 2007.

BODINE, A. Androcentrism in prescriptive grammar: singular 'they', sex-indefinite 'he', and 'he or she'. **Language in Society**, v. 4, n. 2, p. 129-146, 1975.

BORBA, R.; LOPES, A. C. Escrituras de gênero e políticas de *différance*: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar. **Linguagem & Ensino**, v. 21, n. esp., p. 241-285, 2018.

BORBA, R.; OSTERMANN, A. C. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 409-432, maio/ago. 2008.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu**, n. 43, p. 441-474, jul./dez. 2014.

BORBA, R. Linguística *Queer*: uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Entrelinhas**, v. 9, n. 1, p. 91-107, jan./jun. 2015.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Language and identity. In: DURANTI, Alessandro (org.). **A companion to Linguistic Antropology**. Hobokey, New Jersey: Blackwell, 2004, p. 469-494.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, 25 de abril de 2002.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (org.). **Pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 151-172.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CADILHE, A. J.; FELIPE, T. A.; MOREIRA, Á. G. A. Análise da fala-em-interação, masculinidades e saúde: reflexões a partir de uma consulta clínica. In: LAU, H. D.; SILVEIRA, É. L. (orgs.). **Raça, gênero e sexualidade em perspectivas discursivas**: teorias e análises. v. 1. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019, p. 198-216.

CALDAS-COULTHARD, C. R. Caro colega: exclusão linguística e invisibilidade. **Discurso & Sociedad**, v. 1, n. 2, p. 230-246, 2007.

CAMERON, D. **Feminism and linguistic theory**. London: Palgrave, 1992.

CAMERON, D. **Verbal hygiene**. London: Routledge, 2012.

DERRIDA, J. **Limited Inc**. Paris: Galilée, 1990.

FREITAS, G. G. de; FIGUEIREDO, F. J. Q. de; COSTA, A. M. da. A colaboração na aprendizagem de escrita das línguas de sinais (ELiS): o que pensam alunos ouvintes sobre o trabalho em pares? **Revista X**, v. 14, n. 4, p. 277-299, 2019.

GAL, S.; IRVINE, J. T. The boundaries of language and disciplines: how ideologies construct difference. **Social Research**, n. 62, p. 967-1001, 1995.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IRVINE, J. T.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, P. V. (org.). **Regimes of language: ideologies, politics and identities**. Santa Fe: School of American Research Press, 2000, p. 34-84.

KROSKRITY, P. V. Language ideologies. In: DURANTI, A. (org.). **A companion to Linguistic Anthropology**. Oxford: Blackwell, 2004, p. 95-108.

LAU, H. D.; BORBA, R. Conhecendo a Linguística *Queer*: entrevista com Rodrigo Borba. **Revista X**, v. 14, n. 4, p. 8-19, 2019.

LAU, H. D.; SANCHES, G. J. A linguagem não-binária na língua portuguesa: possibilidades e reflexões making *herstory*. **Revista X**, v. 14, n. 4, p. 87-106, 2019.

LAU, H. D. A (des)informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade. **Temática**, v. 11, n. 2, p. 90-101, fev. 2015.

LAU, H. D. Acepções discursivas sobre a linguagem não-binária na língua portuguesa: visibilidades e (r)existências. In: LAU, H. D.; SILVEIRA, É. L. (orgs.). **Raça, gênero e sexualidade em perspectivas discursivas: teorias e análises**, v. 1. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019, p. 180-197.

LAU, H. D. **Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.

LAU, H. D. Será que toda “mona” fala “bichês”? A questão da linguagem e identidade da comunidade LGBT. **Temática**, v. 13, n. 3, p. 160-174, mar. 2017.

LESAVOY, B. Bloom’s “Normal” (2002) and Tarttelin’s “Golden Boy” (2013): Teaching gender fluidity written across time and text. **Feminist Teacher**, v. 26, p. 2-3, p. 142-155, 2016.

LIVIA, Anna; HALL, Kira. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (orgs.). **Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos**. São Paulo: Parábola, 2010, p. 109-128.

MARTINS, I. F. F. de M.; AILVA, A. L. S. da. Gíria LGBT como empoderamento linguístico: a produção de sentidos no gênero “meme”. In: LINS, J. N.; NÓBREGA, P. V. Á.; MANGUEIRA, J. V. (orgs.). **Língua, literatura e ensino: linguagens e diálogos**. João Pessoa: Ideia, 2019, p. 139-159.

MASNY, D. Multiple literacies theory: discourse, sensation, resonance and becoming. **Discourse: studies in the cultural politics of education**, v. 33, n. 1, p. 113-128, fev. 2012.

MOITA LOPES, L. P. da. Como e por que teorizar o Português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural. In: MOITA LOPES, L. P. da. **Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013a, p. 101-120.

MOITA LOPES, L. P. da. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: MOITA LOPES, L. P. da. **Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013b, p. 18-31.

MOTSCHENBACHER, H. Taking queer linguistics further: sociolinguistics and critical heteronormativity research. **International Journal of the Sociology of Language**, n. 212, p. 149-179, 2011.

OXFORD. **English Oxford Living Dictionaries**. Disponível em: <<https://goo.gl/J8Bwxn>>. Acesso em: 7 set. 2017.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão da ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVERSTEIN, M. Language and the culture of gender: at the intersection of structure, usage and ideology. In: PARMENTIER, R. J.; MERTZ, E. (orgs.). **Semiotic mediation: sociocultural and psychological perspectives**. New York: Academic Press, 1985, p. 219-259.

SPOLSKY, B. **Language Policy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

STREIECHEN, E. M. **Libras: aprender está em suas mãos**. Curitiba: CRV, 2013.

WOOLARD, K. A. **Language Ideology as a field of inquiry**. New York: Oxford University Press, 1998.

Recebido para publicação em 5 de Março de 2020.

Aceito para publicação em 18 de Março de 2020.